

# YVES BONNEFOY MULTIFORME

Leila de Aguiar COSTA



Retrato de Yves Bonnefoy, por Jacques Besse

No ano de 2003, a célebre revista literária francesa *Europe* dedica a integralidade de seu número 890-891 ao poeta e ensaísta francês Yves Bonnefoy. E não por acaso. Face ao que é chamado ali de “delírio contábil do econômico e de seus monstros sem razão”, saudar a obra de Bonnefoy equivale a refletir sobre a beleza e os valores da poesia, assim como pensá-la em seus procedimentos para habitar o mundo. Em *L'Inachevable*, Bonnefoy reafirma tal poder do poético, observando que o papel da poesia é aquele de “[...] *rouvrir la question de l'être dans une société qui ne sait plus que de l'objet, achetable ou vendable, possédable: le néant même.*” (BONNEFOY, 2010, p.419). Donde a ameaça, aliás, que paira sobre a própria experiência poética.

O lugar ocupado, pois, por Bonnefoy na cena literária é incontestável. Desde a publicação em 1947 de seu primeiro texto, *Traité du pianiste* – composto entre 1945 e 1950 pelo jovem provinciano recém-chegado a Paris

e ainda frequentador do círculo dos surrealistas, do qual se afastará mais para frente e contra o qual enunciará uma severa crítica nos anos 70 –, até *Le Digamma* em 2012, a obra bonnefidiana impõe-se como incontornável para a compreensão da literatura contemporânea. Em *Traité du pianiste*, o que se reconhece é ainda o *topos* da imagem em seu pertencimento ao Inconsciente freudiano: segundo o próprio Bonnefoy, trata-se ali de um combate edipiano contra a figura materna. Seu último texto, *Le Digamma*, inscreve-se na chave do combate travado por Bonnefoy ao longo de toda sua obra, desde, por exemplo, seu *Anti-Platon* (1947), contra o conceito: contra a hegemonia da filosofia e do pensamento – que, soberbos, pensam ser capazes de dar conta da experiência –, subleva-se a poesia e, sobretudo, o gênero  *récit en rêve* (narrativa de sonho). Em *Le Digamma*, justamente, são nove prosas poéticas que combatem, às portas do sonho e do devaneio, a tirania conceitual. E que ratificam todo um projeto poético construído ao longo de muitos anos e muitas publicações, cuja pedra-de-toque é a relação com o mundo. Sem ser propriamente uma poética referencial, é inegável que há em tal projeto a recusa daquelas “[...] *vieilles fanfares d'héroïsme – qui nous attaquent encore le coeur et la tête [...]*” – de que zomba Rimbaud (1999, p. 232) em “*Barbare*”.

Observe-se, aliás, que Rimbaud é figura que parece ecoar à maneira de uma litania na obra de Bonnefoy, pois que sua obra está em pleno registro da relação com o mundo, com a vida; desse mundo e dessa vida que não podem ser explorados pelo pensamento conceitual, naturalmente apartado das percepções, das sensações e, mesmo, do sentimento de finitude. Em Bonnefoy, a verdade das palavras – e não de um Logos tirânico e autoritário – pertence às coisas, está inscrita no mundo. Se não poética referencial, ao menos há na obra bonnefidiana a busca por uma poética do “simples”: coisas, tons, cores, pedras empreendem afinal às composições de Bonnefoy certa luminosidade ligada à experiência imediata ou, na feliz expressão de Dominique Combe (2005, p.53), inscrevem-nas em uma “epifania do sensível”. A poética de Bonnefoy mantém sempre os “olhos abertos”, à maneira daquele pintor celebrado em *Ce qui fut sans lumière*:

*Peintre,  
Dès que je t'ai connu je t'ai fait confiance,  
Car tu as beau rêver tes yeux sont  
ouverts* (BONNEFOY, 1987, p. 67)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> “Pintor,/Desde que o conheci, em você confio/Pois que mesmo sonhando seus olhos estão/abertos”.

Nesse sentido, o que em geral se lê na obra bonnefidiana é todo um trabalho de interrogação sobre a representação e sobre os meios pelos quais o artista – poeta e pintor – inventa a ordem do mundo e o próprio mundo, que se lhe impõe como elemento dinâmico a movimentar toda composição poética. Livre dos conceitos, bem entendido, pois que não haveria conceito “[...] *d’un pas venant dans la nuit, d’un cri, de l’éboulement d’une pierre dans les broussailles.*” (BONNEFOY, 1980, p.14). Denunciar o conceito significa então denunciar o projeto inerente e intrínseco a toda linguagem e a todo sistema semiológico, isto é, denunciar sua produção de imagens, de formas e de essências que não fazem senão rivalizar com o que efetivamente é. Significa, por isso mesmo, abrir o poético para que se alcance, ou para que deles se aproxime, a especificidade e o imediato do ser e do mundo pelo qual deambula.

Para assumir tal fisionomia multiforme, Yves Bonnefoy, nascido em Tours em 1923, aventurou-se em variado caminho poético e ensaístico. Abandona, ainda jovem estudante de ensino médio, suas pretensões de estudos na área da Matemática. Ruma então para Paris e lá se inicia como poeta, em plena seara surrealista, inquietada pela questão da imagem que se manifesta freudianamente em sua pulsão de desejo. A pertença ao surrealismo será breve. Bonnefoy dele se afastará, ainda nos anos 40, após a publicação de alguns textos “surrealistas”, por considerar que o grupo perdia-se em gnosticismos e, por isso mesmo, desviava-se do objeto, do pássaro, da pedra... Igualmente nos anos 40, Bonnefoy começa a se interessar pela pintura, mais especificamente pela pintura do Quatrocentos italiano, sem entretanto se enclausurar nas amarras ortodoxas da história da arte, da iconologia ou da história das ideias. Estavam assim lançadas as primeiras fundações do edifício poético bonnefidiano. Com o passar dos anos, consolidou-se uma prática escritural que entretém relações, por vezes bastante conflituosas, é verdade, com a representação, com a imagem e com a linguagem, em seus diversos estratos, em suas diversas manifestações e em seus diversos suportes.

Que se permita aqui uma breve e incompleta cronologia do percurso poético de Yves Bonnefoy – e aqui não se repertoriarão todas as obras de sua vasta produção. De sua frequentação, entre 1945 e 1950, do grupo dos surrealistas, nasce como já se disse o *Traité du pianiste* e outros textos surrealistas. Em 1947, afasta-se do grupo, recusando-se a assinar o panfleto coletivo “Ruptura inaugural”. Entre 1949 e 1950, escreve alguns artigos que constituirão o núcleo

---

(BONNEFOY, 1987, p. 67, tradução nossa).

do futuro *L'Improbable*; compõe *L'Ordalie* e os primeiros poemas que integrarão em 1953 *Du mouvement et de l'immobilité de Douve*. Nesse mesmo ano de 1953, aparecem os célebres “*Tombeaux de Ravenne*”. Em 1954, é publicada sua primeira obra consagrada à história da arte: *Les peintures murales de la France gothique*. Quatro anos depois, aparece seu segundo livro de poesia: *Hier régnaient désert* – o terceiro será publicado apenas em 1965 sob o título *Pierre écrite*. Nos anos de 1959 e 1961, aparecem, respectivamente, o primeiro volume de ensaios, intitulado *L'Improbable*, e o grande estudo sobre Rimbaud, que recebe o título *Rimbaud par lui-même*. Em 1967, surge *Un rêve fait à Mantoue*. Seu *Rome 1630: l'horizon du premier baroque* data de 1970. Em 1972, embora tenha sido escrito 8 anos antes, é publicado o autográfico *L'Arrière-pays*, que põe em cena a constituição de um sujeito em sua relação com a obra de arte. O quarto livro de poesias, *Dans le leurre du seuil* é publicado em 1975. Em 1977, aparecem os *écits en rêve* de *Rue Traversière*, e o segundo volume de ensaios, *Le Nuage Rouge*. Após um longo hiato, Bonnefoy volta a publicar poesia: aparece então, em 1987, seu quinto volume *Ce qui fut sans lumière*. Em 1988, publica novo volume de ensaios, *La vérité de parole*, a que se segue, em 1990, seus *Entretiens sur la poésie (1972-1990)* – serão publicados em 2010, sob o título *L'Inachevable*. *Entretiens sur la poésie (1990-2010)*, outros encontros de Bonnefoy com variados interlocutores. Em 1991, é publicado o sexto livro de poesia, *Début et fin de la neige* suivi de *Là où retombe la flèche*, e, no registro da crítica de arte, seu *Alberto Giacometti*, fruto de anos seguidos de trabalho de pesquisa – vale lembrar que, nos anos 90, Bonnefoy dedicou a Giacometti seu curso no *Collège de France*. Em 1993, outro volume dedicado aos *écits en rêve*: *La Vie errante* – aí figuram as relevantes narrativas sobre Zeuxis e seu embate com a representação. Os textos ensaísticos de *Remarques sur le dessin* são igualmente publicados em 1993. Anos depois da publicação de *L'Improbable* e de *Nuage rouge*, aparecem seus prolongamentos, reunidos em um único volume: *Dessin, couleur et lumière*. De seus cursos no *Collège de France* – onde assume de 1981 a 1993 a cadeira de “*Études comparées de la fonction poétique*” –, são publicados os resumos, editados pelos *Annales du Collège de France*; esse volume intitula-se *Lieux et destins de l'image*. Em 2001, é publicado o sétimo livro de poesia – *Les planches courbes* – e, em 2002, os volumes ensaísticos *Sous l'horizon du langage* e *Remarques sur le regard*. Em 2006, outro texto sobre a pintura, desta feita dedicado à pintura espanhola: *Goya, les peintres noirs*. E, no mesmo registro fragmentário de um pensamento que se quer escritura única, que esboça a relação permanente entre escritura em verso e escritura em prosa, publica, respectivamente em 2008 e

2011, *La longue chaîne d'ancre e L'heure présente*. Enfim, ainda nesse mesmo viés, reflete em 2010 sobre *Le siècle où la parole a été la victime*.

Em diálogo permanente com esse Bonnefoy poeta e ensaísta preocupado com as diversas formas e épocas das artes – literária e visual –, aquele outro Bonnefoy, que traduz Shakespeare, Yeats, Keats, Leopardi e Petrarca; e que pensa a tradução – destaque-se a respeito o volume de 2010 intitulado *La Communauté des traducteurs*, que reúne conferências e entrevistas sobre problemas da tradução em seus aspectos teóricos e em suas formas particulares assumidas diante de certas obras, sobretudo aquelas de Shakespeare e Leopardi.

Eis aí, pois, alguns dos títulos de Bonnefoy – e o número especial a ele dedicado pelas *Lettres Françaises* põe à disposição do leitor brasileiro “A América” (prosa poética publicado em *La longue chaîne d'ancre*) e “Notas sobre a cor” (*récits en rêve* do volume *Rue Traversière et autres récits en rêve*). De um Bonnefoy que se faz quase autor polígrafo e, por isso mesmo, multiforme. Esperemos que esse número especial desperte leituras e pesquisas vindouras sobre esse que é considerado um dos mais relevantes nomes do universo das letras e artes contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

BONNEFOY, Y. **L'Inachevable**: Entretiens sur la poésie 1990-2010. Paris: A. Michel, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ce qui fut sans lumière**. Paris : Gallimard, 1987.

\_\_\_\_\_. **L'improbable**. Paris: Mercure de France, 1980.

COMBE, D. **Les Planches courbes d'Yves Bonnefoy**. Paris: Gallimard, 2005.

RIMBAUD, A. **Poésies. Une saison en enfer. Illuminations**. Paris: Gallimard, 1999.



